O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

27.° Anno — XXVII Volume — N.° 933

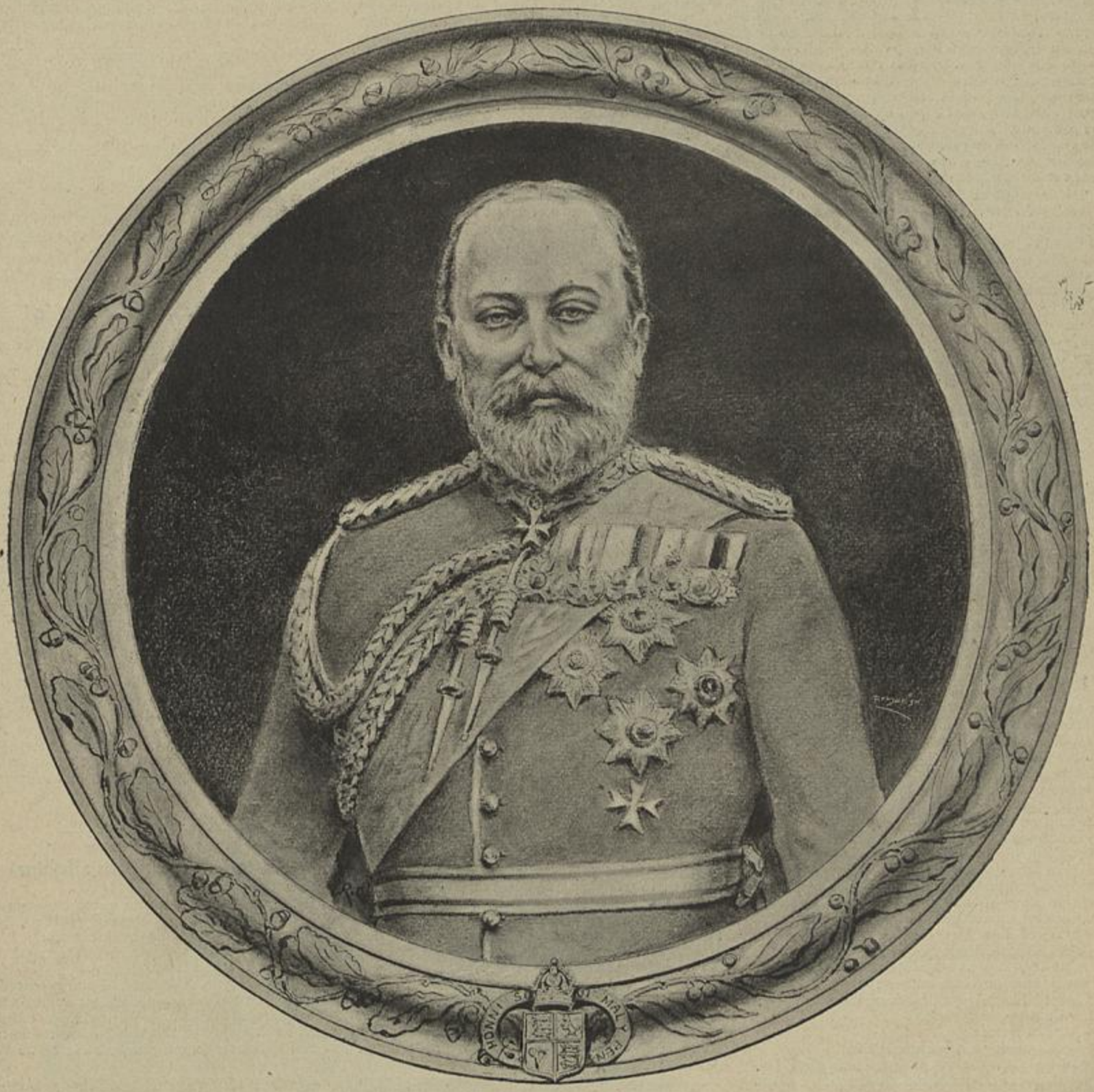
30 DE NOVEMBRO DE 1904

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



SUA MAGESTADE EDUARDO VII

Chronica Occidental

E ainda ha quem se admire! Estamos no fim de novembro e queriam talvez que o verão de S. Martinho se prolongasse por ahi fóra, com um sol radiante no céo e uma temperatura deliciosa na terra!

Portugal, fiel alliado da Inglaterra, queriamos nós que de cá lhe estivesse fazendo surriada. El-Rei D. Carlos, com a grande gola de pelles levantada até ás orelhas, correndo o Marquez de Soveral a bolas de neve, e nós aqui, de corpinho bem feito,como dizia o corcunda, sahindo de casa á noite para ir até ao theatro D. Amelia applaudir o Le Bargy e a Jane Hading, ou deliciar-nos com a rabeca de Kubelik!

Ser primeiro seja no que fôr é coisa para muitos muito agradavel; de quando em quando. temos esta mania de sermos privilegiados no céo. O céo da nossa terra!... Mas quantas traições!

Ha uma terra em Portugal—sejamos discretos, não dizendo qual é—em que toda a gente é felicissima. Não ha n'ella quem se não julgue primeiro em qualquer coisa. Fala-se por exemplo da riqueza do sr. Conde de Burnay, e diz um: — «Mas talvez não tenha um varapau como eu lá tenho!» Desvia-se a conversação e fala-se do talento do sr. Marianno de Carvalho — «Pois sim, mas se elle quizer entrar em minha casa ha de primeiro pedir licença.» E este homem gosa immenso porque é possuidor d'um varapau e porque vê o sr. Marianno de chapeu na mão a pedir-lhe um obsequio.

Se elle escrevesse esta chronica, que alegria não teria comparando-se a si mesmo com os monarchas portuguezes, apezar do que os correspondentes mandam dizer para todos os jornaes sobre os deslumbramentos da recepção que lhes foi feita pelos soberanos de Inglaterra.

As festas, pelo apparato e sobretudo pelo enthusiasmo, parece terem deixado a perder de vista as que se realisaram por occasião das visitas do rei de Italia e do presidente Loubet. Não só os jornaes portuguezes mas os principaes periodicos estrangeiros de mais valiosa opinião em toda a Europa, se referem á significação muito alta que tem a recepção agora feita em Inglaterra aos reis de Portugal

Mas o homem satisfeito de si mesmo poderia ainda assim, depois de investigar quanto se passou, achar-se mais feliz ouvindo no D. Amelia a Hading do que o estiveram no seu camarote real os que aturaram tres horas e meia do *Rogerio Laroque*.

Este dramalhão, é dos peores, foi representado ha annos no theatro D. Amelia, traduzido pelo meu amigo Pedro Vidoeira. O centro do cavaco era por esse tempo no camarim da Amelia da Silveira, uma das mais lindas actrizes que tenha pisado palcos em Portugal, linda, amavel e espirituosa. De quando em quando, apparecia algum cavalheiro que vinha fazer a sua côrte, com mais ou menos espirito, mais ou menos pompa.

Uma noite em que meia duzia riamos e brincavamos com quaesquer futilidades, entrou um d'esses, muito bem ensobrecasado, com um forte grilhão d'ouro com muitos berloques, voz de papo. O seu feitio de conquista, era contando façanhas. Pôz-se a dizer uma historia compridissima, d'uma questão que tivera com um commissario de policia, por causa d'uma prisão injusta, e como respondera d'alto e como a toda uma esquadra fizera respeitar os punhos. E tudo com muitos pormenores, o que se julga uma historia bem contada.

Lá fora no palco rugiam-se os horrores do Rogerio Laroque.

E o homem era ainda peor que o drama, E já a Amelia e nós todos disfarçavamos, quanto podiamos uns abrimentos de bocca, que, a manifestarem-se n'um só que fosse, contagiosos como são, seriam uma verdadeira desgraça.

Nas *Notas d'um Pae*, diz Bernardino Machado que a creancinha, desde que começa a falar, pensa falando. Aos homens acontece ás vezes o mesmo, e aquillo sahiu-me sem querer: «Que maçada!»

E, atrapalhado, para disfarçar, viro-me para o Pedro Vidoeira, explicando:

—A peça, a peça.

A peça que era a traducção d'elle.

Foi a que os francezes chamam uma *gaffe*. Outra havia de ter n'aquelle mesmo theatro, e muito peor.

Tinha uma vez ouvido dizer que, quando nasce uma criança, deve observar-se se o remoinho é ao centro ou ao lado; se é ao centro o que nascer depois será do mesmo sexo, se ao lado, do sexo contrario. Estava o *foyer* do theatro cheio de gente, foi-se fazer uma verificação. Um, dois, tres... ia dando certo.

Diz-me o quarto, com o riso um bocadinho amarello:

—Isso de você me querer vêr o remoinho!...

Mas já eu lhe puzera o dedo na cabeça e sentira lhe o casco ir para baixo.

Um chinó!

Nem eu sabia onde me havia de metter! Assim que pude, fugi, e desabafei com o primeiro que encontrei no alto da escada. Contei-lhe a historia toda! Sabem a quem?... Ao chinó mais atrevido que passeia pelas ruas de Lisboa!

Tolices de certo genero hão de sempre vir de enfiada, e nada mais vulgar do que ser a emenda muito peor que o soneto e o desabafo um perigo.

Houve tempos alegres n'aquelle theatro de D. Maria, quando era ponto de reunião de bons cavaqueadores, muitos dos quaes a morte já levou, Aristides Abranches, Fernando Caldeira, o Antonio Pedro, o Baptista Machado, o Urbano de Castro, e quantos mais!

A morte por lá passou agora mais uma vez, escolhendo para victima a actriz societaria Amelia Avellar, que pouco entretanto brilhou no theatro, de que por muitos annos esteve afastada. Foi muito formosa nos seus tempos de mocidade, mas envelhecêra precocemente. Era, diziam, uma boa companheira e realmente sympathica.

Dias depois morria o Gaspar, que ahi conhecemos fazendo parte da companhia do Taveira e que tinha real merecimento.

Outro actor morreu agora, o Florindo, depois de ha já muitos annos ter deixado o palco. Alguem que o imitou, para me dar uma idéa do que elle fôra, recordou-me que o havia de ter visto em algum diabo de magica, com talco vermelho a incendiar-lhe as palpebras. Senti com isso uma vaga saudade de outros tempos e por essa occasião, recordámos muitos actores que, retirados, falleceram sem que ninguem desse por isso, actrizes que foram celebres por sua formosura e que, velhinhas, arrastam agora talvez por trapeiras uma vida ignorada.

Ouvi uma vez um phonographo recitar uns versos que principiavam assim:

Ha quem diga que a vida do actor...

Não sei o resto, mas adivinha-se. Ha quem diga que a vida do actor é uma festa, e afinal é, como a de toda a gente, uma semsaboria, com rendas de casa, padeiros por pagar e meninos chumbados no lyceu. E é assim. Mas ha effectivamente o que quer que seja de mais pungente no contraste entre a vida caseira, quando esta seja dolorosa, e um trabalho como o d'elles, cheio de mentiras, ás vezes coroados por palmas, que nem dão consolação a familia, nem ajudam a pagar o açougue.

Toda a vida dos artistas é parecida, mas peor a dos que, não o sendo, de artistas levam a vida.

Vimos o retrato d'esse Florindo. Era agora um velho de grandes barbas respeitaveis, empregado não sei onde. Devia ter dissabores na vida como toda a gente; mas dentro d'aquellas barbas devia de ter mais paciencia para leval-os do que n'um *maillot* de algodão vermelho e tendo obrigação de pôr ás noites uma cabelleira ruiva com os appendices doirados de rei dos infernos.

O verdadeiro artista, esse sim, ainda tem compensações, até entre as amarguras do triumpho, no proprio triumpho.

Atrapalhações de saude não nos deixaram por ora ir ver, como desejavamos, os projectos do templo novo que ha de erguer-se em Lisboa á Senhora da Immaculada Conceição, e... terrenos devotamente offerecidos pela sr.ª Condessa de Camaride. Na passada chronica falámos d'esse concurso. Alcançou o primeiro premio o architecto sr. Evaristo Gomes, asseverando-se que outros dos projectos apresentados tambem mereceram justamente a classificação que pelo jury lhes foi concedida. Ao talentoso primeiro premiado um banquete será brevemente offerecido, por amigos seus e collegas.

O mesmo motivo de falta de saude impede-nos de falar dos azulejos de Jorge Collaço, de que temos ouvido grandes elogios e a que os jornaes se teem referido. E' industria tradiccionalmente portugueza e folgamos deveras por todo o incremento que possa ter sob a direcção d'um homem de talento e de boa vontade.

A primavera, com o sol de que já vamos tendo saudades. nos trará occasião de vermos mais alguns boccados de arte portugueza. Agora contentemo-nos com estranhos: Mounet Sully e cançonetistas em D. Amelia, damas e tenores em S. Carlos, palhaços no Circo. O proprio theatro de D. Maria nos vae dar uma traducção; mas d'essa dizem-nos primores: é o *Rei Lear* vertido em versos alexandrinos por Julio Dantas.

Só a musica nos fornece occasião de elogiarmos em arte gente da nossa terra. A Sociedade de musica de camara inaugurou já os seus concertos. Foram executantes os srs. Ernesto Maia, Michel'angelo Lambertini, Francisco Benetó, Cecil Mackee, Antonio Lainas e D. Luiz da Cunha Menezes. O gosto da musica continua a desenvolver-se felizmente. Para proval-o bastará lembrar o que teem sido no theatro D. Amelia as ovações ao incomparavel Kubelik. Cabe uma parte de gloria aos que ha muitos annos trabalham por derramar entre o publico um bocadinho de gosto pela boa arte.

João da Camara

S. M. EDUARDO VII

Rei da Inglaterra, imperador das Indias, durante o longo reinado de sua mãe, a Rainha Victoria, quando apenas se chamava Principe de Galles, esteve em Portugal pela primeira vez, voltando da sua viagem á India, e aqui foi recebido com deslumbrantes festas. Foi isto ha uns trinta annos.

Quando, por morte de sua mãe, subiu ao throno, foi o reino de Portugal que elle quiz fosse o primeiro a recebel-o como monarcha do maior imperio que o mundo ha visto. Grande significação teve portanto essa viagem. Maior, se é possivel, teem-o agora o acolhimento carinhoso dispensado aos monarchas portuguezes em sua actual visita ao reino de Inglaterra.

Merece-nos Eduardo VII as maiores sympathias, que mais não são que um reflexo pelo muito que as suas ha revelado a favor do nosso Portugal. Os portuguezes foram os primeiros a sulcar os mares onde a Inglaterra impera hoje. Nunca é tarde para pagar dividas, agora tão insistentemente e para gloria nossa, confessadas.

Marquez de Soveral

E' hoje um dos nomes portuguezes de maior valia no mundo inteiro.

Ninguem ignora o valimento em que o tem ha muitos annos o actual rei de Inglaterra e, seguramente, uma grande parte da gloria que hoje cabe a Portugal pelos novos tratados e sua importancia no equilibrio do mundo, deve-se a essa amizade que o marquez de Soveral conquistou pelo seu talento, pelos dotes de seu espirito, pelas excellentes qualidades de seu caracter honestissimo.

Depois de concluidos seus estudos, doutorado em sciencias politicas e administrativas pela Universidade de Lovaina, concorreu em Lisboa para o cargo de segundo secretario de legação, sendo pouco depois nomeado para servir em Madrid. D'ahi passou para Vienna e Berlim, sendo primeiro secretario em Londres, quando tendo já servido como encarregado de negocios por mais d'uma vez, foi dada a demissão de ministro plenipotenciario ao conselheiro Barjona de Freitas. Em momento difficil tomou conta da legação o marquez de Soveral, poucos annos depois nomeado ministro dos negocios estrangeiros. Substituido o gabinete de que formou parte, voltou para Londres e os factos eloquentes de agora provam melhor do que palavras, como tem sabido, com que verdadeiro patriotismo, tratar os negocios de Portugal, para honra sua e do paiz que tão brilhantemente representa.

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra

Foi a seguinte mensagem que o *lord-mayor* de Windsor dirigiu aos soberanos portuguezes em nome dos habitantes d'aquella cidade:

«A Suas Magestades os reis de Portugal.

«May it please your Majestics».

Nós, o Mayor, Aldermen e Burguezes d'este antigo e real burgo pedimos respeitosamente licença para offerecer a Vossas Magestades sinceras boas vindas por esta vossa visita ao nosso querido Soberano e á historica cidade de Windsor.

Nos rememoramos com orgulho e gratidão a amizade que existe, desde ha cinco seculos, entre o povo que Vossa Magestade governa com tanta justiça e dedicação e a nossa nação, e nós fazemos votos para que esta amizade que tende promover a paz, a harmonia, as relações commer-

ciaes e a prosperidade, possa por muito tempo continuar.

E'-nos tambem grato recordar a hospitaleira recepção que Vossa Magestade e os seus subditos concederam ao Rei Eduardo VII, quando visitou a vossa capital, e nós estamos certos de que esta amizade entre os Monarchas representa os sentimentos das duas nações.

Esperamos ardentemente que Vossas Magestades possam por largo tempo reinar sobre um povo feliz e illustrado, e que a sua visita a Inglaterra possa deixar gratas e inolvidaveis recordações.

No regresso de SS. MM. da Guildhall houve á noite uma representação no Castello de Windsor, na explendida sala Waterloo, pela companhia do celebre actor inglez Pree e outra recita no dia 19, pela companhia do notavel actor L. Waller, além de um concerto entre as duas recitas, em que foram chamadas a tomar parte as maiores notabilidades lyricas.

No dia 20 (domingo), El-Rei D. Carlos e a Rainha Senhora D. Amelia ouviram missa na Egreja Catholica Romana de Santo Eduardo, egreja construida em 1868, no estylo architectonico dos monumentos inglezes do seculo XIII, e a cerca de uma milha do castello de Windsor.

A egreja tinha sido adornada para receber os soberanos portuguezes.

Por todo o percurso do castello á egreja de Santo Eduardo e no regresso, a população de Windsor, formava alas acclamando enthusiasticamente SS MM. Das janellas as damas atiravam flôres sobre a caleça real.

Em seguida ao almoço, SS. MM. acompanhadas do sr. marquez de Soveral, passearam de carruagem no parque e visitaram o mausoleu de Fragmore, deixando sobre o tumulo da rainha Victoria uma artistica corôa real de azaleas e orchideas.

N'esse mesmo dia os monarchas portuguezes partiram para Chatsworth, sendo a despedida na gare das mais tocantes e affectuosas.

O rei Eduardo e a rainha Alexandra, que tinham vindo com os soberanos portuguezes nas carruagens de gala, eram aguardados pelos principe e princeza de Galles, e outros dignitarios da corte ingleza, sendo ali os monarchas dos dois paizes saudados com acclamações enthusiastas por todo o burgo real.

Depois de alguns minutos de demora o Rei Eduardo deu o braço á Rainha Senhora D. Amelia, conduzindo-a até á porta do wagon real, seguidos de El-Rei D. Carlos dando a direita á Rainha Alexandra, e do principe e princeza de Gailes.

Em seguida os dois soberanos abraçaram-se longamente, a Rainha Senhora D. Amelia beijou a Rainha Alexandra e a princeza de Galles, por duas vezes, seguindo o comboio real para o castello de Chatsworth. Acompanhando os monarchas portuguezes, tomavam tambem logar no comboio os srs. marquez de Soveral, condes de Arnoso, de Tarouca e da Ribeira Grande, visconde Churchill, condessa d'Antrim e coronel Legge.

Desde Windsor e durante o trajecto, qne durou cinco horas, SS. MM. foram alvo de calorosas manifestações pela multidão que se apinhava nas estações e ao longo da linha, ficando hospedes no castello do duque de Devoushire em Chatsworth.

Esta magnifica residencia é situada a duas milhas e meia de Bakewell. Foi construida em 1702, pelo primeiro duque de Devoushire, proximo do antigo solar onde Maria Stuart esteve encerrada durante 13 annos.

No dia 23 organisou-se uma caçada em Chatsworth, em que tomaram parte El-Rei D. Carlos, o duque de Devoushire e grande numero de convidados.

No dia 25 SS. MM. partiram para Londres, onde chegaram ás 2 horas e 40 minutos da tarde, sendo aguardadas na gare de S. Pancras pelo pessoal da legação, representantes da imprensa de Lisboa, comitivas, dr. Antonio de Lencastre, Terra Vianna, Bartholomeu Perestrello e outros, seguindo para o palacio de Buckingham, onde chegaram ás 3 horas da tarde.

N'essa noite realisou-se a recita na Opera a que assistiram, além de SS. MM. os duques de Orleans.

No dia 26 El-Rei D. Carlos e a Senhora D. Amelia foram de visita ao castello dos duques de Orleans, em Wood Norton, chegando perto das 5 horas á estação de Evesham. Ahi eram aguardados pelos duques de Orleans e duque de Luynes, que viera expressamente de Paris.

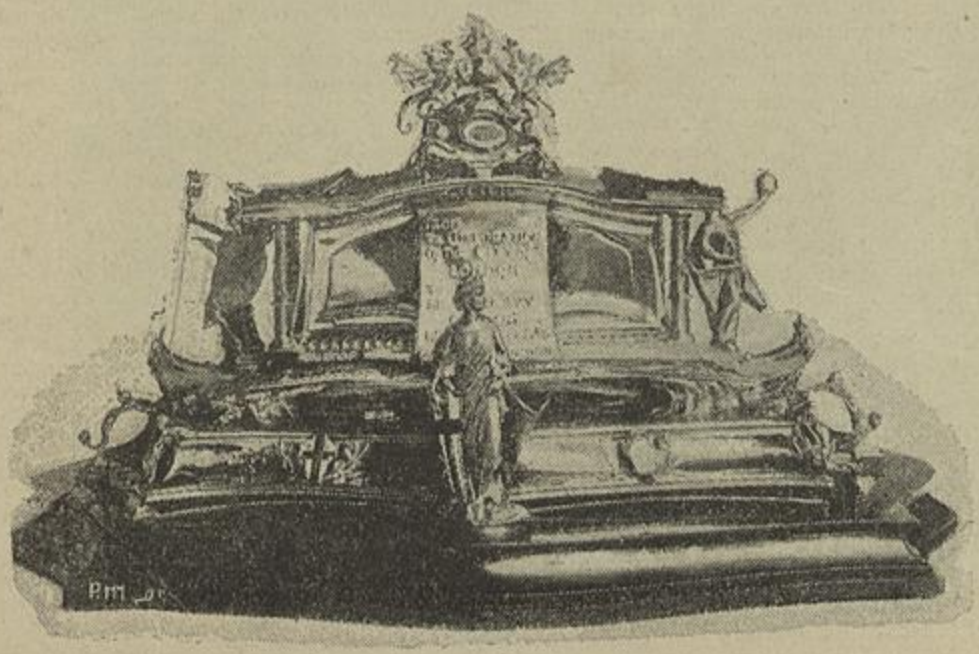
A gare de Evesham estava sumptuosamente adornada.

O burgo-mestre, em nome dos municipes, entregou a SS. MM. uma mensagem de felicitação.

Uma guarda montada prestou as honras militares, escoltando as carruagens com postilhões até ao castello de Wood Norton, onde SS. MM. foram recebidas por grande numero de convidados.

Preparam-se caçadas deslumbrantes, regressando os soberanos portuguezes na quarta feira, 30, a Londres, onde se demorarão até 5 de dezembro.

O almoço e recepção na legação portugueza foi fixado para o dia 1 de dezembro, sendo n'esse dia recebidas por SS. MM. no edificio da legação, a colonia portugueza e as deputações que desejem ser-lhe apresentadas.



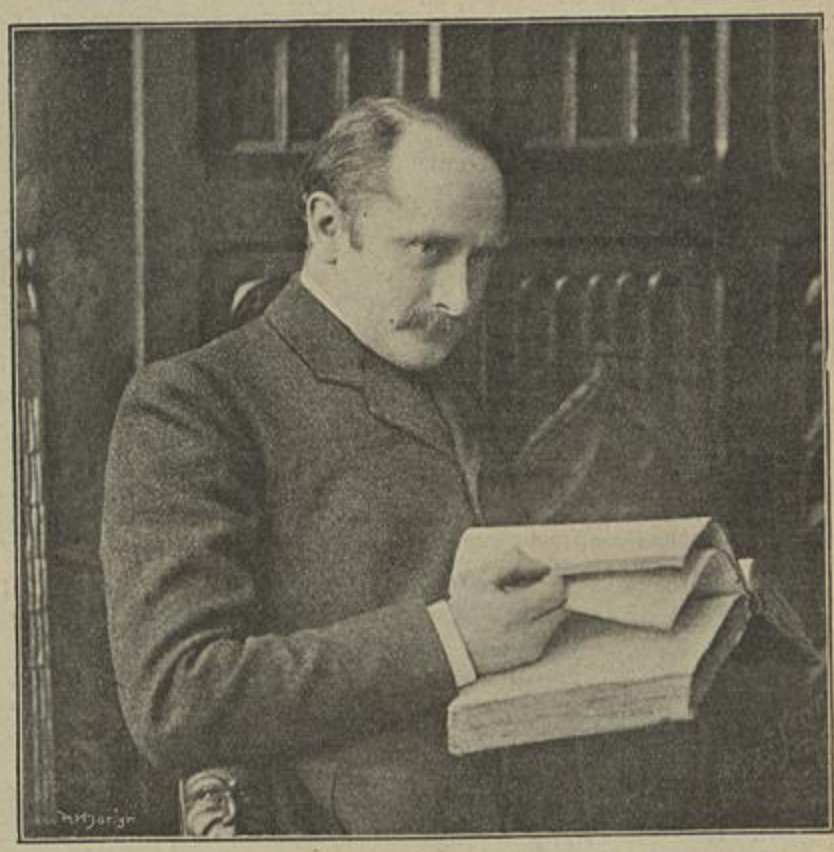
COFRE DE OURO EM QUE FOI OFFERECIDO A S. M. EL-REI D. CARLOS A MENSAGEM DA GUILDHALL

Como referimos em o numero antecedente, a mensagem da Guildhall foi offerecida a Suas Magestades os reis de Portugal, em um cofre de ouro artisticamente cinzelado. Aos lados da parte superior do cofre veem se duas figuras allegoricas symbolisando: uma a nação portugueza representada por uma mulher empunhando numa das mãos o astrolabio e na outra o globo terrestre; a outra é allegorica a alliança de Portugal e Inglaterra. Ornamentam ainda o cofre as armas reaes das duas nações decoradas de pedras preciosas.

CHARLES LE BARGY

Veiu com Jane Hading e no theatro D. Amelia se presentou ao publico de Lisboa.

E' um artista de raça porque de vocação decidida se dedicou á arte. O palco seduzio-o como uma mulher formosa, e embora a sua educação o encaminhasse para outros destinos, Le Bargy deixou Amiens, onde nascera de familia distincta



CHARLES LE BARGY

e veio matricular-se no Conservatorio de Paris, onde foi um discipulo laureado e hoje é um professor de fama.

Lisboa poude agora applaudil-o no theatro D. Amelia, onde com Jane Hading representou a *Retour de Jerusalem*, de Dounay, o que basta para avaliar o artista, sem nos referirmos ao resto do repertorio que a companhia, contractada pelo digno emprezario sr. Visconde de S. Luiz, apresentou aos espectadores do D. Amelia.

Monumento ao Duque de Saldanha

No dia 5 de julho d'este anno foi lançada a primeira pedra do monumento ao duque de Saldanha, na praça que tem o seu nome na Avenida da Liberdade, e a essa ceremonia nos referimos em o n.º 910 do OCCIDENTE.

Muito breve se deve realisar a inauguração do monumento, para o qual são destinadas as estatuas de que hoje publicamos a reprodução em gravura.

E' auctor d'estas estatuas o sr. Thomaz Costa, esculptor, lisongeiramente cotado no mundo artistico, e agora mais uma vez vem, com esta obra, firmar seus creditos d'artista.

A estatua do marechal, retrata bem o illustre caudilho da causa liberal, o heroe de cem batalhas, que ainda podémos conhecer, nevados os cabellos mas vigoroso o espirito e dedicado o coração a todos os sentimentos grandes e generosos.

Aquella figura é bem o marechal, o diplomata,

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra

esse portuguez que honrou a patria em toda a parte a que chegou.

A figura decorativa do monumento, o Anjo da Victoria é uma allegoria que o completa. A Victoria empunha na mão direita a espada vencedora e na esquerda a palma gloriosa.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig Nötel

Volvido um anno

(Continuado do numero 932)

Soube-me a pouco o almoço e, no acto da partida do comboio, o inspector, além do bilhete de segunda classe, mimoseou-me com uma garrafa de vinho para a jornada, penhorando-me a ponto de mal poder expressar-lhe a minha profunda gratidão; e lá fui afinal a caminho de Francfort. Desde quando não viajára eu em segunda classe, e muito menos em comboio de correio. Sentia-me exalçado na minha propria apreciação. Ao meio dia, cheguei ao termo da minha jornada e, graças á carta de apresentação, arranjei desde logo um contracto, para desempenhar papeis supplementares, situação em que me mantive até data recente, em que, por motivo de uma leve infracção de serviço, fui despedido abruptamente.

—Valha nos Deus! Mas que fez, então? Exclamei, sobresaltado, elle, porem, não se descoseu, e apenas por uma palavrinha aqui e acolá consegui perceber que o haviam posto na rua, em resultado de beberrice.

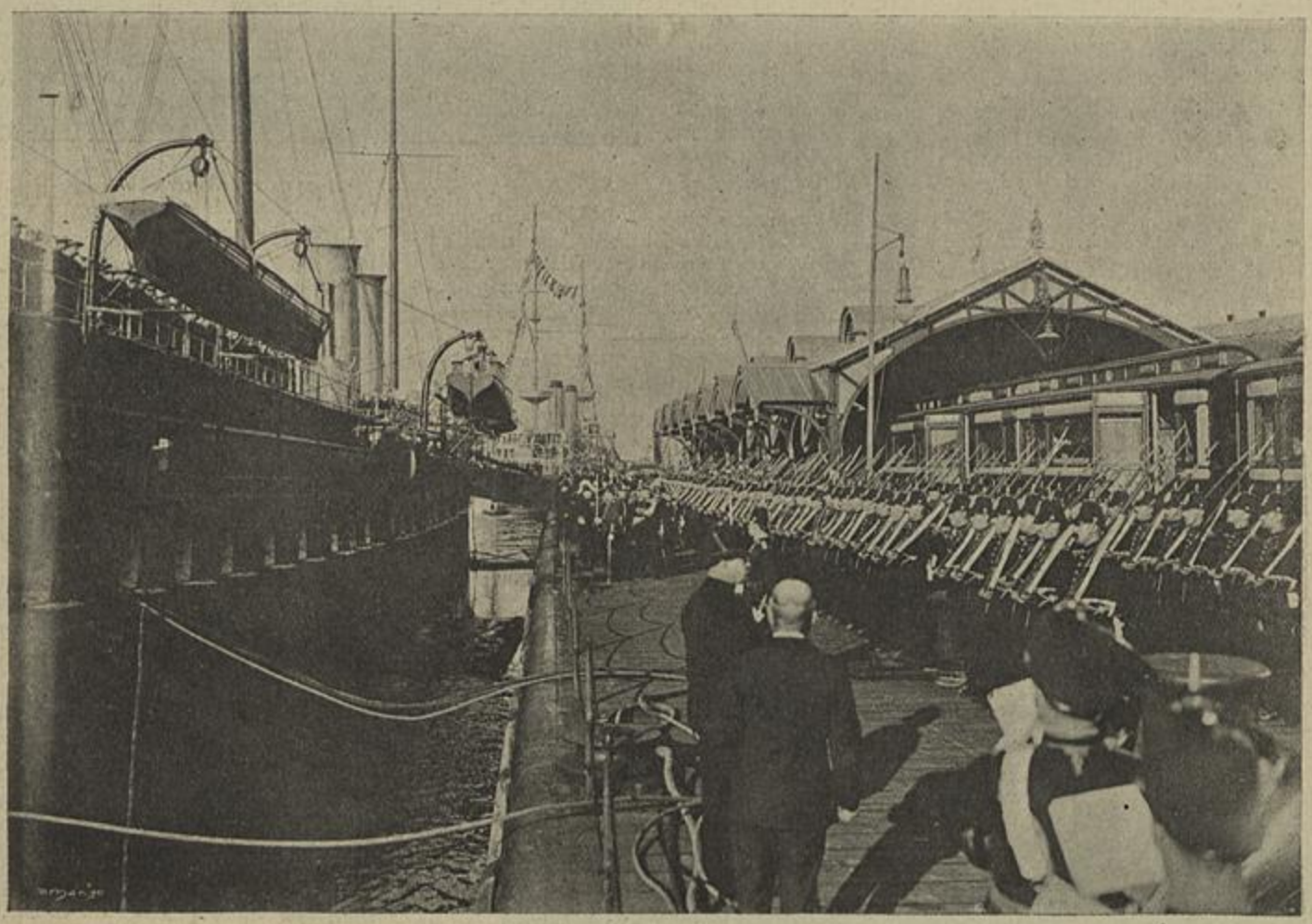
—Ponhamos uma pedra sobre o assumpto, observou Wûstenfeld, para que havemos de estar a revolver aguas passadas? Eis-me pois de caminho para Chemnitz, onde me espera um contracto, graças á sua bondade — e assim que me houver proporcionado a prometida quantia á conta das minhas botas—achar-me-ei habilitado a tomar o comboio da noite, o que me facultará chegar ali de manhã a boa hora, e o haver forrado as despesas de hospedagem. E portanto, se me permite, rogo-lhe que me não demore; quanto eu poderia acrescentar á minha narrativa, transmitir-lho-ei na proxima vez em que nos encontrarmos, pois me segreda no intimo uma voz: que continuarei a encontrá-lo, annualmente, até se acharem definitivamente saldadas as sobreditas botas á Cromwell, e não ignora que faltam ainda séte thalers, visto como me custaram deseseis, e acredite na minha palavra, comquanto eu actualmente já lhe não possa mostrar a conta.

Acompanhei-o á Estação, onde tomei um bilhete para Chemnitz, entregando-lh'o e conjunctamente a demasia, despedi-mo-nos, e elle de dentro da carruagem exclamou ainda: receio muito que, de futuro, não venha a achar graça ás minhas historias, isto vae estando muito em baixo, e a sua conta, respectiva ás botas á Cromwell, está pouco menos de saldada, e quando o estiver — ver-me-á pela ultima vez!

E abalou.

Desempenhava eu o cargo de ensaiador de scena junto da companhia de Morohn, na Prussia oriental; achavamo-nos em Memel, e o inverno ia rijo, oscilando entre 60 e 61°.—A neve recamava a estrada unica, estabelecendo communicação com o interior da Allemanha, a ponto de retardar,

MARQUEZ DE SOVERAL
Ministro de Portugal na Côrte de Inglaterra



DESEMBARQUE DE SUAS MAGESTADES EM PORTSMOUT

EL-REI D. CARLOS I E S. A. O PRINCIPE DE GALLES PASSANDO REVISTA Á GUARDA D'HONRA

Cliché do nosso correspondente artistico)

A ESTATUA DO MARECHAL
Esculptura de Thomaz Costa

amiude, de dois dias o transito da málaposta. Trago isto para melhor elucidario do nosso insulamento, e para melhor comprehensão da seguinte narrativa. Achava-se por egual tolhida a via maritima, e, para mais ajuda, pela estrada de Polangen pouco ou nenhum transito havia de viajantes, por se achar ainda mais coberta de neve, não lhe ficando atrás a que vae a Tilsitt. Uma tarde, bramia o temporal da banda do mar com furia desusada, a neve redemoinhava em todas as direcções, atulhando completamente ruas e praças a ponto de as tornar intransitaveis, quer a peões, quer a vehiculos. Eu mais uns collegas estavamos sentados no *foyer* do theatro, terminava um ensaio e d'ali até que se encetasse o segundo tinhamos ainda um descanso de meia hora, mais do que sufficiente afim de podermos almoçar no restaurant annexo, e sem embargo, com aquelle tempo medonho, quem é que se atrevia a dar um passo na rua?

Diz d'ali uma das nossas actrizes: Valha-nos Deus! que será d'essa pobre gente que se vê na necessidade de transitar pelas estradas! N'este comenos entrava o moço do theatro e segredava-me ao ouvido. Ergui-me assustado, exclamando:

—Wüstenfeld! pois será possivel?

—E' tal qual, pelo menos foi esse o nome que elle proferiu, respondeu o moço, mas não lhe quer falar? Está lá fóra no atrio.

—Mande-o entrar, quanto antes, para aqui, para se aquecer ao lume, com um tempo assim podese lá deixar estar uma creatura humana a palmilhar as lageas!

E eu proprio fui direito á porta e chamei: «Entre para aqui, Wüstenfeld!»

E eis que entra por ali dentro, com os joelhos a tiritar, em estado indizivel de miseria, propria a incutir dô e compaixão, Wüstenfeld em pessoa. Fiquei por momentos estarrecido e mudo de pavor, e das actrizes, mais de uma soltou gritos, perante tão lugubre apparição. Representava a véra imagem da penuria, da miseria, pintada a côres, a tal ponto carregadas, que de sorte haveria pintor, dotado embora da mais extraordinaria fantasia, que fosse capaz de as reproduzir. Não tentarei, portanto, descrever-lhe o seu aspecto exterior, e dir-lhes-ei, apenas: Imaginem um homem semi-morto de fome, tolhido de frio, e andrajoso no limite do possivel, com as botas atadas com cordeis, para lhe não cairem dos pés; ponham na sua ideia a mais pavorosa imagem da miseria e acreditem que a sua fantasia ficará ainda muito longe da verdade, que se patenteou nua e crua, a nossos olhos.

Escusado será dizer, que encontrou rapido auxilio a penuria, e que, graças a esse sentimento de commiseração para com os alheios soffrimentos inherente sempre á gente da nossa condição, foi desde logo negocio resolvido o procedermos a uma collecta, afim de o prover de meios e de fato, sufficientes a extorqui-lo d'aquelle seu actual estado lastimoso.

Fui d'ali com elle direito a uma hospedaria da vizinhança, afim de se metter na cama desde logo e tomar qualquer confortativo, recommendei-lhe que tratasse de conciliar o somno, e prometti vir vê-lo ao anoitecer.

D'esta vez, porém, não ficava remediado com um par de thalers aquelle desgraçado, e urgia arranjar as coisas de modo a poder demorar-se ali durante o inverno, e eu, n'esse sentido, tratei desde logo de me dirigir á viuva Morohn, nossa directora, pintando em termos acalorados a penuria de Wüstenfeld, appellando para os seus nunca desmentidos sentimentos de caridade, no sentido de contractar o pobre diabo para desempenhar uma ou outra rabula, mediante salario equivalente.

Semelhante nova, que eu tratei logo de lhe transmittir, e, conjuntamente as peças de vestuario com que haviam concorrido á uma os meus collegas, espertou-lhe os adormentados nervos, e pediu-me que, tributasse em seu nome, quer á directora quer aos artistas da companhia, os seus fervorosos agradecimentos pelas bondosas dádivas com que o haviam contemplado, exprimindo a um tempo o receio que não lograva combater de se não vir a achar em estado de se tornar util á direcção, visto como, tanto o seu orgão vocal como a sua memoria, em consequencia das tremendas vicissitudes a que se vira sujeito, haviam soffrido immensamente

Tratei de o animar o melhor que pôde, e fuilhe dizendo que, levando por uns tempos um viver socegado e methodico, não tardaria em recuperar o perdido, asserto por elle acolhido com um meneio de cabeça assás significativo.

Consegui induzil-o a expôr-me a largos traços as circumstancias que haviam concorrido a tão deploravel estado, e elle em breves palavras narrou-me uma d'aquellas historias, que tanto se repetem na existencia dos actores vagabundos, mas que, de cada vez que as ouvimos, ou, o que é peor, que nos cabe a sorte de figurar n'ellas como protagonistas, se nos antolham sempre novas e sempre tristes.

Um director-theatral sem consciencia, por intermedio de um agente que menos a tinha ainda, lográra embair um grupo de artistas mediante um contracto para a Finlandia. Principiou por lhes cercear os ordenados, allegando correrem-lhe mal os negocios, e pelo andar dos tempos nem reduzidos nem por reduzir lh'os veiu a pagar. Apertado pelos credores, abalou com o dinheiro dos pobres artistas, sonegado até ali sob toda a casta de pretextos. A policia russa conseguiu, todavia, deitar-lhe a mão, antes de elle haver transposto as fronteiras, pôl-o em segurança, mas que culpa tinham os pobres artistas, que estavam a contar com o seu dinheirinho e que o viram ir passar todo ás unhas de credores burguezes,—e mais que fosse! Appellaram pois para o expediente de organisar umas recitas por conta propria.

Ainda bem não haviam concluido a ultima, e eis que são intimados, dado o caso de não conseguirem arranjar escriptura, a evacuar immediatamente o territorio russo. Vigorava ainda na Russia áquella data uma lei que obrigava a todo e qualquer forasteiro que pretendia transitar, quer de uma para outra região administrativa quer para o estrangeiro, a manifestar o seu nome afim de ser publicado tres vezes nos periodicos officiaes, e d'este modo facultaram aos credores, nas localidades em que eram semanaes as gazetas, um prazo de tres semanas para fazerem valer os seus direitos, e no caso de não pagar o viajante imporem a este o seu veto.

A VICTORIA — ESTATUA ALLEGORICA
Esculptura de Thomaz Costa

Monumento ao Duque de Saldanha

Não havia a minima possibilidade, para quem se achasse a braços com um crédor implacavel, em obter passaporte, e sem passaporte cessava por egual qualquer possibilidade, pelo menos por vias legaes, de transpôr as fronteiras.

Porque artes lograria um pobre homem, submettido a uma tal pressão, dar ordem á sua vida sem violação de qualquer dos paragraphos do codigo penal?... Era absolutamente muda a tal respeito a lei!

Ora, como os pobres artistas não viam desde muito tempo nem sombra de seus ordenados, nada mais natural do que achar-se cada qual mais ou menos onerado de dividas; estas, manifestadas ao respectivo curador legal, foram pois deduzidas da importancia da receita das representações, em favor dos crédores, supposto houvessem as mesmas representações sido permittidas aos actores a titulo de beneficio.

Saldadas, melhor ou peor, as contas dos credores, pouco ou nada restava aos artistas, e viram-se estes na necessidade de requerer: lhes fosse concedido dar algumas recitas exclusivamente em proveito proprio, requerimento que lhes foi indeferido pela auctoridade competente, visto como a prorogação legal não podia ser mantida sob pretexto algum, e para incurtar razões, foram novamente intimados a evacuar o pais quanto antes. Entregaram-lhes passaportes, em que se achava exarada a intimação de se transferirem para além da fronteira, dentro de prazo limitado, sob pena de serem expulsos á viva força.

O modo por que aquella pobre gente havia de alcançar sem meios a fronteira, isso lá, era com elles!

Havia pois o nosso Wüstenfeld, ao qual torno responsavel por tudo que aqui deixo mencionado, empreendido a jornada a pé, como aliás lhe succedera tanta vez na sua vida, e nas cidades em que funccionavam theatros allemães, taes como Reval, S. Petersburgo, Dorpat, Riga e Mitau encontrára sufficiente protecção, facultando-lhe recursos para attender ás urgencias da vida; escriptura é que, com a melhor vontade, nenhum d'elles lhe póde offerecer, pois, segundo elle proprio confessava, era tal o estado do respectivo vestuario, que mais parecia um vagabundo do que um artista dramatico. Quando chegou a Libáu, já ali não encontrou a companhia dramatica que estacionára por uns tempos na dita localidade, transferindo-se em seguida para Dünaburgo, falhando-lhe, portanto, esse recurso. O modo por que se transportou para Memel, nem elle proprio m'o soube dizer, pois, segundo me affirmou, tomára-o como que um delirio, ou febre nervosa. Sabia, apenas, que na noite ultima decorrida fôra levado debaixo de prisão para Immersatt, povoação russa da fronteira, preso ao cavallo de um cossaco russo da fronteira, que o suppunha um contrabandista prussiano; e allegava elle que tinha sido a sua redempção, aliás teria morrido geládo na estrada. Desde que attingiu o lado allemão da fronteira, encontrou logar no trenél de um camponês que o trouxe até Mémel.

Decorridos meia duzia de dias, achou-se restabelecido o nosso Wüstenfeld, a ponto de estar apto para o serviço.

Veiu, porém, a confirmar-se a circumstancia de que não eram destituidos de fundamento os seus receios; ninguem se podia fiar n'elle; pois que tudo que proferia em scena, quando não eram néros dispautérios, nem pertencia ao papel nem se encontrava no manuscripto. Além de que, d'elle se apoderára uma rouquidão de ruim agoiro, a qual, segundo ao diante se veiu a verificar, não era devida tão sómente aos trabalhos que passára, antes e muito mais — facto representando para mim, pessoalmente, descobrimento por demais desagradavel — resultado incontestavel do excessivo abuso do alcool.

E, apesar de só lhe confiarem papeis sem importancia, raro era o decorrer uma noite de recita, com a qual não incidisse um transtorno, maior ou menor, motivado por elle, e em conclusão, a despeito de cerca de dois mezes da maxima tolerancia, a directora estava já morrendo por se vêr livre d'elle! Eu proprio adquirira a certeza de haver malbaratado a minha commiseração em favor de um indigno, que assás merecia a sorte que lhe coubera, e dispensei-me, pois, de aventurar uma só palavra em seu abono. A directora pagou-lhe, no 1.º de março, o remanescente do respectivo ordenado e participou-lhe que, em vista das suas tão frequentes infracções do serviço, podia considerar-se despedido; communicação que se me afigurou lhe não causar o minimo abalo. Tinha em vistas procurar-me ainda uma vez, visita que eu declinei, comtudo; mandando-lhe entregar pelo servente do theatro a quantia de dois thalers, acompanhados da seguinte observação: que eu, com os onze thalers que lhe tinha dado, considerava pagas e repagas as decantadas botas á Cromwell, e lhe rogava, que se o destino o tornasse a levar para sitio onde eu me achasse escripturado, me fizesse a fineza de me poupar á sua visita.

Considerava-o como um homem decahido por culpa propria, e com individuos de semelhante especie não queria dares e tomares!

D'ahi a dois dias eis, porém, que recebo uma carta emittida da vizinha estação postal, e por franquear. Continha o seguinte: Que me agradecia os muitos favores que eu lhe havia dispensado no decurso dos ultimos annos, mas que nunca poderia esquecer a sem-ceremonia com que eu d'elle me havia descartado! E que, com referencia ás botas á Cromwell, não podia de modo nenhum considerar paga, pela quantia de onze thalers, semelhante obra prima da arte de sapateiro, attendendo a que as sobreditas botas, conforme elle por mais de uma vez me quizera certificar, mostrando me a conta, lhe haviam custado dezeseis thalers em metal sonante, e que eu, portanto, lhe ficava devedor de cinco thalers, dos quaes, caso o julgasse opportuno, eu podia descontar os dois *groschens* do porte da carta, por franquear. E que lhe assistia tanto mais direito a exigir prompto e integral pagamento, visto como tinha a certeza de haver, com a venda das suas botas, concorrido para a minha prosperidade, acelerando a sua propria desdita.»

(Continúa) *M. Macedo.*

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

III — GAZES

(Continuado do n.º 925)

Por meio de uma applicação do principio de Ardumedes, podemos como já dissemos, achar a densidade dos corpos.

Ha tres methodos utilisados para esse fim: o da *balança hydrostatica*, o dos frascos, e o dos *areometros*.

1.º *Methodo* a) *Corpos solidos* Suspende-se o corpo a um dos ganchos da balança, achamos-lhe o peso P—Em seguida, mergulha-se o corpo na agua, observando a differença de peso P'—Será a relação entre o peso P, e o peso de egual volume de agua, P', a sua densidade.

b) *Corpos liquidos*. Suspende-se a um dos ganchos da balança, um corpo não atacado pelos liquidos, uma esphera de vidro, por exemplo, e tara-se a balança, por meio de pesos—Mergulha-se em seguida o corpo, no liquido de que se pretende determinar a densidade, compensando a perda de peso, com pesos P—Tiremos o corpo do liquido, e mergulhemol-o na agua, achando-se o peso P'—Será $\frac{P}{P'}$, a densidade do liquido que se pretendeu conhecer.

2.º *Methodo* b) *Corpos liquidos*. Para os solidos, deve-se empregar um frasco de bocca larga e rolha esmerilada,ôca, prolongada por um tubo delgado—Acha-se o peso P do corpo de que se pretende calcular a densidade; em seguida, o peso do corpo, juntamente com frasco cheio de agua até certo nivel, tareando-se a balança, com areia ou grãos de chumbo—introduz-se o corpo no frasco, e vê-se o peso P', necessario para se restabelecer o equilibrio—Será $\frac{P}{P'}$, a densidade do liquido.

b) *Corpos liquidos*. O frasco que se emprega para este fim é de paredes delgadas e bocca estreita—Equilibra-se o frasco na balança, enche-se depois de liquido, e vê-se o seu peso P—Opera-se da mesma forma para com a agua, obtendo se o peso P'—Será $\frac{P}{P'}$, a densidade do liquido =Este methodo é o unico que se pode applicar nos gazes, cuja densidade, por ser muito pequena, se refere sempre ao ar.

3.º *Methodo* a) *Corpos solidos*. O areometro empregado para os solidos, é o de Nicholson.

Areometro é um fluctuador de vidro ou de metal, lastrado com chumbo ou mercurio para que se estabeleça o equilibrio estavel, quando mergulhado n'um liquido.

Compõe-se o *areometro* de *Nicholson*, de um cilindro óco de metal, terminado por dois cones, estando o inferior, ligado a um cesto, por meio de um gancho, destinado a receber o corpo de que se pretende saber a densidade.

Fig 40 — Areometro de Nicholson

Ao cone superior, liga-se uma haste que sustenta um prato destinado a receber os pesos, onde existe um *ponto (ponto de affloramento)* que indica até onde o areometro deve mergulhar.

Faz-se fluctuar o areometro na agua, collocando no prato, uma porção de corpo solido de que se pretende determinar a densidade, juntamente com grenalha de chumbo, de modo que o areometro mergulhe ate ao ponto de affloramento—Em seguida, substitue-se o corpo por pesos P, capazes de fazer voltar o areometro, ao mesmo ponto—Collocando o corpo no cesto, os pesos P' necessarios para que o areometro volte novamente ao traço, o peso do volume de liquido P' é egual ao volume do corpo—A relação $\frac{P}{P'}$, será a densidade do corpo.

b) *Corpos liquidos*. O areometro empregado para esse fim, é o de *Fobrenbeit*, differindo do de Nicholson, por ser de vidro—Pesa-se o areometro n'uma balança, e achamos o peso A—Mergulha-se, em seguida, no liquido cuja densidade pretendemos conhecer e achamos o peso P, necessario para fazer afflorar o areometro—Será A+P, o peso de todo o systhema fluctuante—Fazendo egual operação na agua, achamos o peso P', será A+P', o peso de um egual volume d'este liquido—A densidade do liquido será: $\frac{A+P}{A+P'}$.

Os areometros de que nos temos occupado até agora, denominam-se de *volume constante* e *peso variavel*, porque mergulham sempre até ao mesmo ponto, variando unicamente os pesos.

Ha no entanto, areometros de *volume variavel* e *peso constante*

Areometros de volume variavel. Estes são todos de vidro, e compõem-se de um tubo estreito ligado a um corpo, cylindrico ou espherico, egualmente de vidro, tendo na parte inferior, um lastro de chumbo ou mercurio.

No tubo estreito, ha uma graduação que nos indica a densidade do liquido em que o areometro se acha mergulhado—A porção do apparelho que mergulha no liquido é variavel consoante a sua densidade.

Podemos dividir em duas especies, os areometros de volume variavel!

1.º *Pesa-acidos*, para liquidos mais densos que a agua.

2.º *Pesa-licôres* para liquidos menos densos que a agua.

Differem uns dos outros, unicamente, na graduação. N'um d'elles, esta começa de cima para baixo; nos outros, de baixo para cima.

Os primeiros lastram-se por forma tal que mergulhados, na agua destillada, desçam até á parte inferior da haste, marcando, n'esse ponto, O; em seguida, mergulhado n'uma solução de 85 partes de agua, e 15 de sal commun, desce até um certo ponto, marcando-se 15, no ponto de affloramento—Dividindo o intervallo entre O e 15, em partes eguaes, e continuando as divisões para a parte inferior da haste, temos o areometro graduado.

Os *pesa licôres*, lastram-se por forma tal, que mergulhem até á parte inferior da haste quando mettidos n'uma solução composta de 10 partes e 90 de sal marinho, marcando-se zero no ponto de affloramente—Mergulhado, em seguida, o apparelho, na agua pura, marcar-se-ha, no ponto de affloramento, dez, dividindo se, em seguida, o intervallo entre as duas divisões, em dez partes eguaes, e continuando as divisões para a parte superior da haste.

Segundo as suas applicações, estes areometros denominam-se, *pesa-mostos*, *pesa-espiritos*, *pesa-leite* ou *lactometros*, etc.

O unico areometro que differe um pouco d'aquelles que já descrevemos, e que por isso, necessita uma descripção especial é o *alcoolmetro*.

Alcoolmetros. São, egualmente, areometros de volume variavel, com a differença de ter a haste mais comprida, mas com um diametro menor, do que os areometros que acabamos de descrever.

São destinados a avaliar a quantidade do alcool puro, contido n'um liquido espirituoso.

O alcoolmetro é lastrado por forma tal, que mergulhado no alcool puro, o instrumento desce

até ao extremo da haste, marcando-se, n'esse ponto, 100—Em seguida preparando varias soluções de alcool e agua, contendo, 95, 90, 85 etc. partes de alcool por cento, e mergulhando n'estas soluções, o apparelho, marcamos no ponto de affloramento, respectivamente, 95, 90, 85 etc.—Dividindo os espaços em 5 partes eguaes, e continuando as divisões para a parte inferior da haste, temos o alcoolmetro graduado.

O instrumento está graduado para a temperatura de 15°—Como a temperatura influe na densidade das misturas, Gay Lussac, para abreviar calculos, fez umas tabellas especiaes de duas entradas, por meio das quaes, conhecida a temperatura e força alcoolica do liquido indicado no apparelho, podemos immediatamente, concluir qual a densidade do liquido.

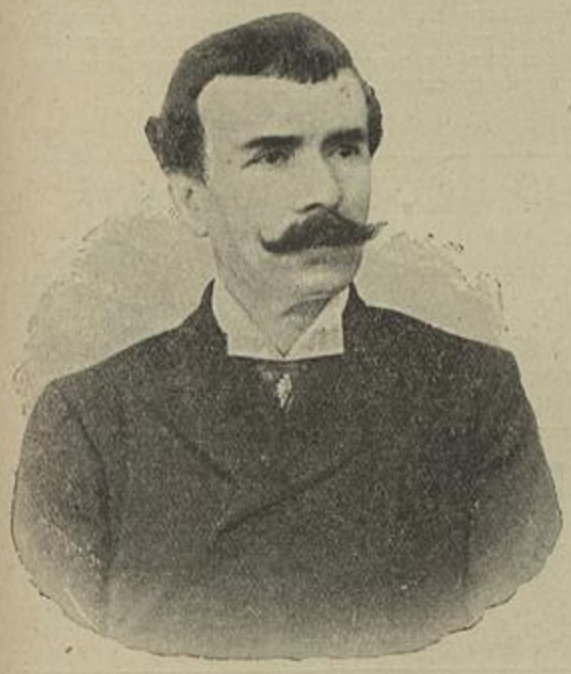
(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

LIÇÕES PRATICAS DA LINGUA PORTUGUEZA

PELO DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

O erudito professor acaba de vêr entrar na 4.ª edição o seu bello trabalho *Lições praticas da lingua portugueza*. que são a reunião das interessantes cartas divulgadas pela imprensa e assignadas com o pseudonymo de *Caturra Junior*.

Este trabalho que a critica devidamente apreciou, foi um meio pratico de procurar metter a caminho os que commettiam os erros mais crassos, quer falando, quer escrevendo.



Dr. Candido de Figueiredo

Tendo em vista que entre os elementos d'uma nacionalidade, occupa a lingua um dos primeiros logares, e quando se dá a decadencia da lingua é licito inferir a decadencia da nacionalidade, o sr. Candido de Figueiredo mostra o seu elevado amor patriotico, levando pela ironia dos exemplos de que se serve, a concluir que Portugal tem decahido muito.

Effectivamente, o que menos se escreve hoje em portnguez é a nossa lingua. O estylo moderno é uma amalgama de phrases burladas do mais requintado francezismo.

Tivemos um grande escriptor que enriqueceu a nossa lingua com uma variedade verdadeiramente notavel de vocabulos portuguezes, mas esse foi Camillo Castello Branco.

De então até hoje o que se tem adiantado é conhecer mais a lingua franceza do que a nossa, e haver quem por meia duzia de phrases em francez metta a sua asneira em portuguez.

Desde que o francez passou a ser uma prenda das salas, em que nos nossos theatros se annunciam *matinées* e se dão *soirées* nos nossos *salões*, que um jantar nas hortas é um *pic-nic* e ás batatas se chama *póme de terre*, havendo como que uma certa vergonha ingenua de chamar ás cousas em puro e genuino portuguez pelos seus verdadeiros nomes, com certeza que mais parece Portugal um paiz de ciganos com os seus 50 dialectos misturados, de que uma terra que teve classicos como João de Barros, Antonio Vieira e muitos outros.

Ora foi estes abusos e estes vicios que vieram pouco a pouco entranhando-se na nossa lingua, que o illustre professor procurou combater nas suas cartas, nas quaes evidenciou que as publicações, diffundindo-se progressivamente por todos os recantos do paiz, teem produzido, de envolta com ensinamento e progressos abençoados, deploraveis abusões no falar e no escrever, abusões que chegam a invadir a esphera dos mais claros espiritos, fixando-se na linguagem como formulas legitimas.

Outro ponto ainda procuram provar as suas cartas, e é que se a linguagem escripta é uma forma convencional da linguagem falada, a perfeição d'aquella está na proporção do rigor com que os signaes representam a voz, tirando d'isto a base para provar a necessidade de se adoptar uma ortographia, que todos respeitem e sigam, para que o paiz inteiro tenha apenas um systema orthographico e não os variados systemas em uso que chegam a pôr-nos em duvida sobre quem é que effectivamente sabe escrever portuguez.

A acceitação que as *Lições praticas da lingua portugueza* teem tido e que as levou já á sua 4.ª edição, é uma prova da utilidade do trabalho do sr. dr. Candido de Figueiredo que tem servido de estimulo á curiosidade de muitos para se emendarem de erros futuros.

Oxalá as sigam tantos outros que para ahi vemos rebeldes á emenda. *R.*

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V, *prefacia das e annotadas por Mendes dos Remedios e seguidas d'um estudo psycologico por Ernesto Loureiro — Coimbra, 1903.*

Devemos á extrema amabilidade do editor sr. F. França Amado a posse de um exemplar d'estas interessantes cartas, que são mais um traço sympathico do notavel caracter do monarcha que as firmou.

Sobre a sua publicação depararam-se-nos ha dias na imprensa periodica algumas informações curiosas, d'uma carta de Ernesto Loureiro, que para aqui trazemos, no intuito de propagar a verdade que assiste aos proprietarios de tão preciosos documentos, e que parece ter sido deturpada, aliás sem intenção de prejudicar interesses legitimos, mas por um mal entendido.

Transcrevemos d'essa carta os trechos que dizem respeito á publicação de que nos estamos occupando e que provam evidentemente que a propriedade das referidas cartas não pertence ao sr. dr. Mendes dos Remedios, lente da faculdade de theologia, de Coimbra, como se poderia deprehender de certas noticias ha pouco dadas soore a obra, mas em que o erudito professor só tem o prefacio e as annotações, indicadas no frontespicio do livro.

.....

Meu irmão Ricardo Loureiro, que vive em Coimbra, e eu, possuimos trinta cartas dirigidas pelo Senhor D. Pedro V a nosso tio José Jorge Loureiro. No principio do anno passado, vindo meu irmão a Lisboa, disse-me que tencionava ir pedir a Sua Magestade El-Rei auctorisação para serem publicadas aquellas interessantissimas cartas. Eu approvei calorosamente a ideia, e com effeito meu irmão Ricardo obteve audiencia de Sua Magestade El-Rei, que promptamente concedeu a auctorisação pedida, depois de pessoalmente as haver lido.

Antes de meu irmão se retirar para Coimbra, combinámos ambos juntar á publicação das cartas um estudo meu ácerca da psychologia da personalidade do Senhor D. Pedro V, a qual tem corrido desnaturada por aliás distinctos escriptores.

Chegado meu irmão a Coimbra dirigiu-se pessoalmente ao conhecido editor sr. França Amado, que se encarregou da publicação das cartas e do meu trabalho, ficando-lhe pertencendo a edição da obra, e dando-me um interesse na sua venda, o qual nunca foi discutido, e que ainda hoje ignoro qual venha a ser; sem que com o que diga pretenda por qualquer forma desmerecer a bizarria e integridade de caracter do sr. França Amado.

Depois d'isto lembrei-me que o meu humilde trabalho muito ganharia no favor do publico, sendo acompanhado por um prefacio escripto por mão esclarecida e douta, e por intermedio do meu irmão Ricardo mandei pedir ao sr. dr. Mendes dos Remedios o alto favor de que se trata.

O sr. dr. Mendes dos Remedios benevolamente accedeu ao nosso pedido, e em seguida meu irmão Ricardo fez-lhe entrega das preciosas cartas encerradas em elegante pasta, afim de serem depositadas na bibliotheca da Universidade, de que o sr. dr. Mendes dos Remedios é digno director.

Depois d'isto, nos primeiros dias de junho do anno passado, eu fui a Coimbra e pessoalmente agradeci ao sr. dr. Mendes dos Remedios o favor do prefacio promettido, sem que até hoje eu e elle nos tornassemos a vêr, ou houvessemos trocado por escripto qualquer palavra em contrario do que havia combinado.

Já lhe agradeci por escripto o favor do prefacio proficientissimo e vasto, como era de esperar de tão douto professor.

Com toda a consideração, sou de v. etc.— *Ernesto Loureiro.*»

Lisboa, 14—5—903.

Epidemiologia — Sobre o estudo e o combate do sezonismo em Portugal. *pelo dr. Ricardo Jorge, inspector geral dos serviços sanitarios — Coimbra, 1903.*

Este estudo occupa o 1.º tomo dos *Annaes da saude publica do reino, publicados pela inspecção geral dos serviços sanitarios*, propondo-se a demonstrar as causas que originam as sezões e considerando-as como um mal populacional, economico e agricola.

Baseado em dados fornecidos por um questionario sobre as causas do desenvolvimento do sazonismo em Portugal, o illustre medico combate a velha lenda de que este mal tenha o seu desenvolvimento na cultura dos arrozaes e antes esta cultura tem modificado em alguns pontos do reino a intensidade do sazonismo.

Eis alguns periodos d'este interessante trabalho:

«A guerra de mais de trinta annos, movida em nome da saude publica pela agricultura official, vingou quasi tão só nas palavras d'uma lei comminatoria; mas foi de facto perdida no seu proposito da extirpação completa dos arrozaes portuguezes. A graminea odiada aguentou as raivas; vivificavam-na os lucros auferidos, e protegiam-na os termos rigidos d'uma sentença que em absoluto era iniqua. Aqui e além a sementeira do arroz é certo que se travou; n'outros logares conservou-se e até prosperou.

Este diverso fado, pondo de lado a influencia dos prejuizos favoraveis ou desfavoraveis a uma cultura disputada, dependeu capitalmente d'um phenomeno de adaptação local, que tanto sobresahe nas inquirições feitas, phenomeno pelo qual passaram de olhos vendados os arbitros officiaes.

Ao regime sezonatico dos logares póde a cultura do arroz ser indifferente; póde attenuál-o e póde aggravál-o. No primeiro caso o arrozal não tem que carregar com culpas; no segundo ha que dispensar-lhe louvores; só no terceiro merece comminação terminante.

Esta desegualdade é racionavel perante as formulas da theoria do mosquito. Acceito mesmo que o arrozal seja sempre total ou parcialmente um pantano, a sua nocividade ou innocividade dependerá do coefficiente sezonigero commum do regime palustre; para originar sezões é necessario que sirva de viveiro aos anopheles.

Se ha pantanos izentos d'este mau hospede, não se vê por que não poderá haver arrozaes com identica indemnidade, a menos que se não phantasie que a graminea seja infallivel chamariz do mosquito. Os anopheles gostam é certo das aguas de lume livre atravessado por plantas junto das quaes façam ninho; realisam esta condição, não só o colmo do arroz, mas o bunho, a junça e outros vegetaes dos brejos.

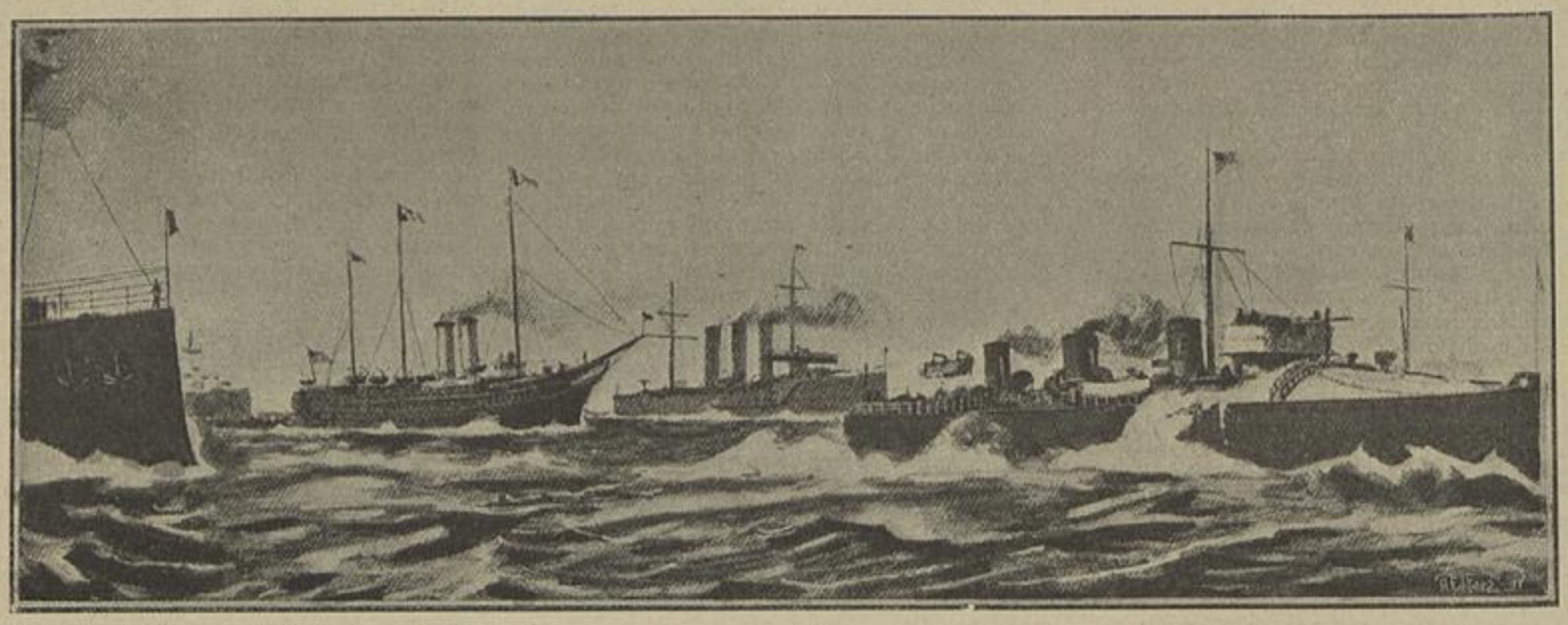
Compreende-se pois que em terras onde se não conheça o anopheles, os alagamentos possam ser semeados a arroz sem nenhum inconveniente. Onde se dê o paradoxo atraz referido de haver só anopheles sem cortejo de sezões, ainda o arrozal poderá invocar a tolerancia.

Em terra malarica, se o arrozal dilata a superficie palustre, facilitando a multiplicação dos anopheles, accrescenta certamente ao mal reinante; mas, se se limita ao paúl já existente, pelo menos não tirará nem porá.

Ahi, a grande medida prophylatica não é acabar com o arrozal; é acabar com o pantano.

Ha meios, ha recursos, ha dinheiro n'uma palavra, para em cheio enxugar o chão alagado, drainando, sorvendo, vallando, e derivando as

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra



O «VICTORIA AND ALBERT» CONDUZINDO SUAS MAGESTADES EL-REI D. CARLOS E RAINHA D. AMELIA, COMBOIADO PELA ESQUADRA INGLEZA ATÉ PORTSMOUT

aguas por canaes correntios, sem reprezas nem estagnamentos? Execute-se essa correcção hydro-tellurica, essa obra de salubrização, que tantas vezes trará bem material, e sempre o bem da saude publica.

Se a obra é herculea para as fraquezas monetarias, se nem particulares nem o Estado arcam com ella, então do paúl insalubre e esteril tire-se ao menos o lucro da unica cultura a que se presta. Obriga a sementeira a uma hydraulica especial, que, conferindo ao alagamento um novo regime, pode dar em resultado condições menos favoraveis á pullulação dos anopheles e portanto attenuação das sezões.

Tal foi o caso de longe averiguado em tantos logares onde a morbilidade e a mortalidade malaricas se reduziram. Depois, o sezonismo é do mesmo par uma causa e effeito da miseria; empobrece e encarniça-se contra os pobres. Quem anda mal alimentado e mal tratado, mais atreito está a apanhar as febres, mais temerosas ou rebeldes em corpos enfraquecidos, em individuos em quem a falta de meios mais tolhe a recuperação de saude. A população mingúa, enfeza e degenera. Ora a seara de arroz trará uma riqueza — a alimentação e o conforto do trabalhador rural; e o arrozal combaterá a malaria, não só physicamente, mas economicamente.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã / Homens — ás 3 » da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

PARIS EM LISBOA

CHIADO 77

É a casa de MODAS que melhor sortido apresenta em artigos bons elegantes e de luxo PREÇOS RECOMMENDAVEIS E FIXOS

CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

DE

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-"das def." naraes, clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio—Rua da Boa Vista, 164, 1.º

Vierling & C.TA — LIMITADA

Cambio e popeis de credito

44, Rua do Arsenal, 46 — 1. Praça do Municipio, 2

LISBOA

Telephone 611 — Endereço telegraphico STERLING — LISBOA

GAZETA DOS LAVRADORES

Revista illustrada de propaganda e defeza dos interesses da agricultura nacional

DIRECTOR: JOSÉ ERNESTO DIAS DA SILVA

Publica-se nos dias 10, 20 e 30, de cada mez em linguagem ao alcance de todos

Assignatura por semestre, 1$000 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — CALÇADA DE SANTO ANDRÉ, 100 — LISBOA

Enviam-se gratuitamente exemplares como specimen, a quem os requisitar por bilhete postal.

Bilhetes postaes illustrados

Edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha de assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição Martins comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quaes figuram: Familia Real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do paiz, assumptos militares, maritimos, agricolas, tauromachicos, theatraes, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Sahiu a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello effeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encommendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa